

“Brasil precisa parar de ouvir o canto da sereia”

Nakano defende dólar a R\$ 3,50 para dar um choque nas exportações; cortar despesas correntes e dívida externa

Cynthia Malta
de São Paulo

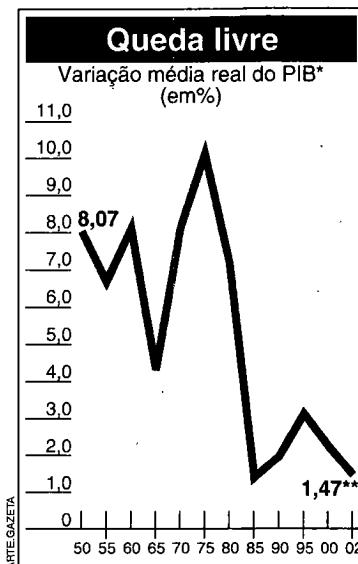
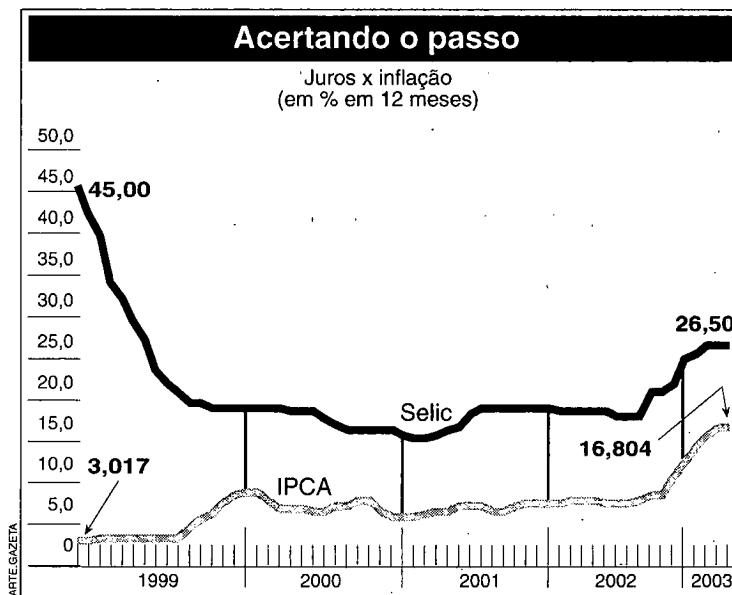
O Brasil, para voltar a crescer acima de 1,5% ao ano — a média dos últimos cinco anos — precisa parar de ouvir o canto da sereia e comprar de volta a alma que vendeu ao Diabo. O conselho é do diretor da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o economista Yoshiaki Nakano, um dos mais respeitados do País e responsável pelo ajuste das finanças públicas em São Paulo no governo de Mário Covas.

A sereia começou a cantar e o diabo a rondar os gestores da economia nacional, diz Nakano, nos anos 90. “O modelo de economia fechada, com Estado excessivamente intervencionista, estava ultrapassado”, lembra ele, que trabalhou no governo federal nos anos 80, assessorando o então ministro Luiz Carlos Bresser Pereira, quando iniciaram-se os estudos para deslanchar o processo de abertura da economia.

O novo modelo escolhido “é que ainda está em vigor”, lamenta, prega que país pobre precisa de poupança externa, e por isso deve abrir o mercado ao capital estrangeiro. As estatais devem ser privatizadas e o governo preocupar-se apenas em criar um ambiente macroeconômico de estabilidade. Não é preciso implantar políticas industrial e de desenvolvimento, pois o mercado se encarrega disso.

O resultado foi: dívidas externa e interna crescendo, capital estrangeiro financiando o consumo, em vez da produção, e a taxa de investimento e a de poupança em queda. “Cometemos um erro primário. Quando se quer atrair capital externo, o juro tem que ser baixo e o lucro auferido pelas empresas alto para que o investimento produtivo cresça. Mas fizemos o oposto.”

Para comprar a alma de volta, vendeu lá atrás a Sátanás,



tão próximas do teto —, Nakano, numa estimativa grosseira, sugere um câmbio de R\$ 3,50. E não vê sentido no debate intervenção no câmbio.

Num grupo de 80 países estudados pelo FMI, foram detectados 33 — em especial as nações em desenvolvimento —, onde a intervenção é ativa e a flutuação administrada.

“Gosto de ver um câmbio como uma variável estratégica para o desenvolvimento”, diz Nakano, que lembra que “no Brasil, desde 1999, se existe uma área em que o governo mais interveio foi a do câmbio.” Em sua opinião, “agora estão intervindo de modo errado. Do jeito que está, vai comprometer as exportações.”

Para aqueles que têm medo de que o câmbio volte a realimentar a inflação, Nakano responde que a economia deveria estar mais desindexada, que o juro deve cair já e que o governo precisa cortar mais despesas correntes. “Não faz sentido cortar investimentos.”

Ele ainda dá uma receita àqueles administradores do dinheiro público que dizem sofrer pressões diárias para aumentar os gastos correntes. “Quando fui secretário da Fazenda, pedia aos demais secretários que revissem seus gastos e os resultados obtidos. Quando perceberam que mais dinheiro não significa mais resultado, pararam de pedir dinheiro extra.” No caso dos políticos, também era fácil. O político não queria dar a má notícia aos eleitores de que não havia conseguido a verba pedida. Nakano recebia a delegação, explicava por quê não podia liberar o recurso extraordinário, batia um papinho, tirava-se uma bela foto e pronto. “Eles ficavam contentes com a audiência e nós ficávamos com nossa regra: não se gasta mais do que se arrecada.”

Nakano proferiu palestra na sede do Sindicato da Construção Civil do Estado de São Paulo ontem, quando foi anunciado o primeiro contrato de consultoria da Escola de Economia da FGV. O convênio prevê elaboração de estudos sobre o setor de construção civil.

Nakano diz que não se pode repetir o modelo desenvolvimentista do passado, com Estado centralizador e reestatizando a economia. “O primordial agora é aumentar as exportações. É a saída mais fácil para retomar o crescimento e pagar a dívida externa.”

Ele lembra de um estudo recém-elaborado por economistas do Fundo Monetário Internacional

(FMI), que avaliou a relação entre dívida externa, exportações e crescimento econômico. A conclusão foi de que a dívida externa contribui para o crescimento quando equivale a 60% das exportações. Acima disso não ajuda e quando chega a 150% começa a prejudicar o crescimento.

No caso do Brasil, essa relação é de 245,86%, com exportações de

US\$ 61,2 bilhões e dívida externa de US\$ 211,6 bilhões, segundo cálculos do Centro de Informações da Gazeta Mercantil que considerou os últimos doze meses terminados em janeiro.

Para dar um choque de expansão nas exportações e estimular as empresas a ampliarem sua capacidade instalada — em alguns setores, como o de papel e celulose, es-